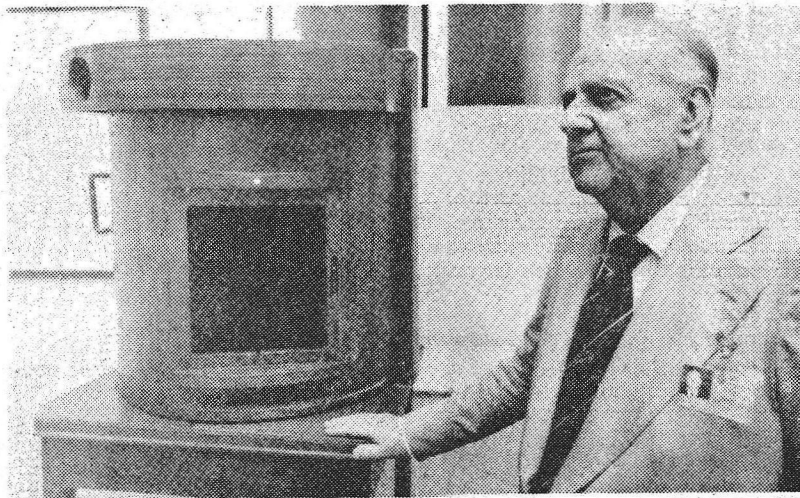


Médicos desdenham concurso

Só quatro médicos se candidataram às 14 vagas do programa **Médicos de Família**, lançado ontem com estardalhaço pela Secretaria Estadual da Saúde. Outros 12 limitaram-se a telefonar para o setor de Recursos Humanos da avenida São Luiz 99, em busca de maiores informações, sobre o salário de Czs 478 mil e a casa, de moradia e consultório, onde os **médicos de família** (depois do concurso, neste mês, e de 800 horas de aulas em três hospitais, a partir de dezembro) ficarão 24 horas por dia à disposição de, em média, duas mil pessoas.

Nem recém-formados foram seduzidos pelo salário, pelas condições ou pelo fato de o programa ser cópia de outro, responsável por espetacular redução da mortalidade infantil em Cuba. "Não troco meu salário de Czs 91 mil de residente no Hospital do Servidor, porque não abro mão de progresso na carreira e de atualização científica", diz Sérgio de Almeida Neto. E seus temores de estagnação profissional são compartilhados, por exemplo, pelo provedor da Santa Casa e ex-secretário municipal da Higiene, Mário Altenfelder: "A pequenina Cuba não se compara à imensa e dinâmica São Paulo, onde, hoje, as especialidades são muitas e não deixam espaço para o médico generalista do passado".

O presidente do Sindicato dos Médicos, Arlindo Chinaglia,



Oswaldo Jurno/AE

Altenfelder: dúvidas sobre a eficácia do programa

diz que "Quêrcia usa o nome de Cuba (na publicidade do programa) para fazer mistificação eleitoral". No Conselho Regional de Medicina, o diagnóstico do presidente, Heitor Buzzoni, é mais parecido com o de Altenfelder: "O programa corre o risco de se transformar numa rebocoterapia, com o **médico de família** transformado num mero rebocador de doentes, da periferia para centros médicos melhor aparelhados".

O médico-residente Luiz Fernando Adde também pensa assim. Para ele, "o governo vai fazer medicina pobre para os pobres, e o **médico de família** será apenas um quebrador de galhos,

especializado em repassar para especialistas a maioria de seus pacientes". Por isso Adde não se interessa pelas 14 vagas oferecidas: três em Itaquera, três na Penha, quatro na Lapa e quatro em Santo Amaro.

O presidente do Conselho Regional de Medicina, Heitor Buzzoni, questiona até o salário proposto, "aquém da reivindicação da categoria". E condena "a criação de um profissional de exceção, sem descanso semanal remunerado e à disposição da clientela, muito grande, em caráter permanente". Em Cuba, o médico de família atende a 700 pessoas, segundo ele. Em São

Paulo, atenderá a 2.000 — embora a própria Organização Mundial da Saúde estabeleça em 16 pacientes o limite de atendimento, numa jornada de quatro horas. Algo como 640 pacientes por médico no máximo, por mês.

"E Quêrcia propõe 2.000", espanta-se Buzzoni.

O presidente do Sindicato dos Médicos, Arlindo Chinaglia, ataca o projeto com os próprios antecedentes de Quêrcia na área da Saúde. "Os hospitais Públicos estão semidesativados, como o Servidor e o Emílio Ribas. O HC-Ambulatório não funciona à tarde; não se contrata a mão-de-obra necessária porque os salários são baixos. Não há medicamentos nos Centros de Saúde. E isso tudo tem um nome: irresponsabilidade." Segundo Chinaglia, Cuba investiu maciçamente na Saúde, em hospitais de retaguarda, num sistema ordenado. Isso tudo, juntamente com o **médico de família** apoiado por laboratórios, bancos de sangue e equipamentos, reduziu a mortalidade infantil. "Como posso acreditar na proposta do governador se Montoro investiu muito menos do que Maluf na Saúde e Quêrcia está conseguindo investir menos ainda?", pergunta Chinaglia. E arremata: "A política de Saúde desse governo só se salva pelas verbas injetadas por Brasília através da Previdência Social".